

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA**

Análise da produção científica sobre autoeficácia no contexto esportivo: um estudo no cenário brasileiro

Hiago Giordane Rodvalho da Silveira

Uberlândia
2023

HIAGO GIORDANE RODOVALHO DA SILVEIRA

Análise da produção científica sobre autoeficácia no contexto esportivo: um estudo no cenário brasileiro

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção da conclusão de graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Drews

Banca Examinadora

Presidente: _____
Prof. Dr. Ricardo Drews – FAEFI/UFU

Membro 1: _____
Prof. Mr. Matheus Maron Valerio – ESEF/UFPEL

Membro 2: _____
Prof. Dra. Gabriela Machado Ribeiro – FAEFI/UFU

Uberlândia
2023

Agradecimentos

Inicialmente, queria agradecer a minha família, amigos e todos aqueles que contribuíram de alguma forma para meu crescimento, que fizeram parte da minha história e do que eu sou.

À minha mãe, Vânia Inácio Rodovalho da Silveira, por me ensinar a viver, o que é o amor, a compreensão, o cuidado, perseverança, luta, angústia, felicidade, e acima de tudo, o que é de fato ser humano.

Ao meu Pai, Edson Junio da Silveira, por me ensinar a ser forte, a lutar pelos meus objetivos, dar valor as conquistas, sempre com muita honestidade.

Às minhas irmãs, Natalia Silveira e Maria Julia, por compartilhar a infância, adolescência e a vida universitária comigo. Obrigado por serem sempre amor, companheiras, e desde já, obrigado pelo nosso futuro juntos.

À minha tia, Jussara Inácio Rodovalho, por me ensinar que a vida nem sempre vai ser amarga, sempre e possível colocar um tempero de alegria e palhaçada.

Ao meu orientador, Ricardo Drews, que apesar de todas as intercorrências que me envolviam, nos meus momentos difíceis, não deixou de acreditar em mim. Agradeço a compreensão, cuidado e o amor que coloca no seu trabalho.

Aos meus colegas da faculdade, que fizeram parte de todo esse processo de autoconhecimento e ganho de experiência pessoal e profissional.

À minha dupla, Victor Goulart de Ávila, por ser meu companheiro de faculdade e dividir todos os momentos comigo.

Aos meus amigos, que são um dos maiores pilares da minha vida. À Nathalia Amorim, pela cumplicidade. Ao Vitor Santana, pelo companheirismo. Ao Pedro Henrique, pela longevidade da nossa amizade. À Julia Alves, pela força e apoio.

Lista de Figuras

- Figura 1.** Número de artigos e dissertações/teses analisando à autoeficácia no contexto esportivo ao longo dos anos.....14
- Figura 2.** Número de dissertações/teses publicadas relacionadas à autoeficácia no contexto esportivo considerando o programa de pós-graduação..... 16
- Figura 3.** Modalidades esportivas investigadas nos estudos publicados relacionados à autoeficácia..... 17

Lista de Tabelas

Tabela 1. Número de estudos publicados relacionados à autoeficácia no contexto esportivo por instituição.....14

Tabela 2. Informações principais dos artigos analisando à autoeficácia no contexto esportivo encontrados nas bases de dados SciELO e LILACS..... 18

Tabela 3. Informações principais das dissertações e teses analisando à autoeficácia no contexto esportivo encontradas no banco da CAPES..... 23

Resumo

O constructo da autoeficácia ou a crença que o indivíduo tem em relação à própria capacidade para realizar determinada atividade, tem sido investigado em diferentes áreas do conhecimento, inclusive no âmbito do esporte. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, no cenário brasileiro. Para tal, foram realizadas buscas de artigos, teses e dissertações nas bases de dados digitais *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2021, com a utilização dos descritores “autoeficácia”, “auto-eficácia” e “eficácia pessoal” e um filtro do idioma português. A busca inicial permitiu identificar 1.163 artigos (SciELO = 343; LILACS = 820) e 880 teses e dissertações, sendo que após análise dos critérios de elegibilidade 32 estudos (7 artigos e 25 dissertações/teses) foram selecionados para a análise. O primeiro estudo encontrado foi no ano de 2006, sendo que a maior quantidade de publicações por ano foi encontrada em 2013 (n = 6). A instituição dos autores com maior número de publicações foi a Universidade Federal do Paraná (UFPR) (n = 4), sendo o voleibol (n = 8) e natação (n = 4) os esportes mais investigados analisando a autoeficácia. Conclui-se que o panorama de estudos sobre a autoeficácia no esporte é recente e com um número relativamente baixo de publicações, em comparação à conjuntura de estudos de outras temáticas analisadas no contexto esportivo no cenário brasileiro. Ademais, entende-se a necessidade de padronizar questionários referente a autoeficácia esportiva, a fim de aumentar a confiabilidade e, por consequência, a sua reprodutibilidade.

Palavras-chave: Educação Física; Esportes; Revisão; Psicologia; Autoeficácia.

Abstract

The self-efficacy construct or belief that the individual has in relation to one's own ability to perform certain activity, has been investigated in different areas of knowledge, including in the field of sport. Therefore, the objective of the present study was to analyze the scientific production on self-efficacy in the sports context, in the Brazilian scenario. For that matter, searches of articles, theses and dissertations were performed, in digital databases of Scientific Electronic Library Online (SciELO), in *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)* and in bank of dissertations and theses of *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*. Data collection was performed in November 2021, with the use of the descriptors “self-efficacy”, “self-efficacy” and “personal effectiveness and a Portuguese language filter. The initial search identified 1.163 articles (SciELO = 343; LILACS = 820) and 880 theses and dissertations, and after analyzing the eligibility criteria 32 studies (7 articles and 25 dissertations/theses) were selected for the analysis. The first study was found in 2006, and the largest number of publications per year was found in 2013 ($n = 4$). The institution of the authors with the highest number of publications was the Federal University of Paraná (UFPR) ($n = 4$), volleyball ($n = 8$) and swimming ($n = 4$) being the most investigated sports analyzing self-efficacy. It is concluded that the panorama of studies on self-efficacy in sport is recent and with a relatively low number of publications, compared to the conjuncture of studies of other themes analyzed in the sports context in the Brazilian scenario. In addition, the need to standardize questionnaires regarding sports self-efficacy is understood, in order to increase reliability, and therefore reproducibility.

Keywords: Physical Education; Sports; Review; Psychology; Self-efficacy.

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|-----------|
| APRESENTAÇÃO GERAL..... | 9 |
| 1. ARTIGO..... | 10 |
| 1.1 Introdução..... | 11 |
| 1.2 Método..... | 12 |
| 1.3 Resultados | 14 |
| 1.4 Discussão | 35 |
| 1.5 Conclusão..... | 39 |
| Referências..... | 40 |
| 2.NORMAS DA REVISTA..... | 48 |

APRESENTAÇÃO GERAL

Este Trabalho de Conclusão de Curso atende ao regimento do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. Em seu volume, como um todo, é composto de duas partes:

1. ARTIGO: Análise da produção científica sobre autoeficácia no contexto esportivo: um estudo no cenário brasileiro

2. NORMAS DA REVISTA: Revista Pensar a Prática

1. ARTIGO

Secção/Tipo de Artigo: Investigação Original

Título abreviado: Esporte e autoeficácia

Análise da produção científica sobre autoeficácia no contexto esportivo: um estudo no cenário brasileiro

Analysis of scientific production on self-efficacy in sports context: a study in the Brazilian scenario

Hiago Giordane Rodovalho da Silveira¹, Ricardo Drews¹

Filiação:

¹ Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia

Contato:

Hiago Giordane Rodovalho da Silveira

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia

Endereço para Correspondência:

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - Campus Educação Física

Rua Benjamim Constant, 1286, Uberlândia – MG, Brasil

CEP: 38400-678

E-mail: hiagogiordane@hotmail.com

Telefone: 34 99877-9294

1.1 Introdução

A Teoria Social Cognitiva, proposta por Bandura (1986), se baseia em uma visão de agência humana, segundo a qual os indivíduos podem controlar um conjunto de ações e se envolverem de forma proativa em seu próprio desenvolvimento (BANDURA, 2008). A sua ideia principal é que, diferentemente de outras espécies animais, o ser humano é capaz de estabelecer metas, efetivar planos de ação, prever possíveis resultados e regular e avaliar o comportamento, visto que a pessoa, o meio e o comportamento exercem influência uns sobre os outros (BANDURA, 2008). Essa relação é esquematicamente representada por um triângulo em que os três hipotéticos vértices mantêm influência em dois sentidos com forças não necessariamente equivalentes (PAJARES; OLAZ, 2008). Todas as direções causais são possíveis e todos os determinantes influenciam um ao outro bidirecionalmente.

Dentre os seus conceitos, a autoeficácia apresenta um papel fundamental na estrutura causal da teoria. Ela refere-se aos julgamentos que as pessoas fazem de sua capacidade ou de sua habilidade para organizar e executar os cursos de ação necessários para alcançar determinados tipos de desempenhos ou comportamentos (PAJARES; OLAZ, 2008). Mais especificamente, consiste no grau de convicção que uma pessoa tem de que pode executar com sucesso certo tipo de comportamento necessário para produzir um determinado resultado, sendo influenciado pelas crenças e pensamentos pessoais acerca das próprias capacidades para realizar uma ou um conjunto de tarefas. Bandura (1986) e Feltz (1992) propõem que as expectativas de eficácia podem desenvolver-se e modificar-se por meio de quatro tipos de informações principais, sendo elas: a) experiências diretas de domínio; b) experiências vicárias; c) persuasão social; e d) estados físicos e emocionais.

Enquanto fenômeno responsável por regular o comportamento humano, a autoeficácia também corrobora para aprimorar o desenvolvimento psicossocial do indivíduo. No encargo de modular as suas condutas comportamentais, a autoeficácia, de maneira geral, exerce influência na forma de pensar, na tomada de decisões, nas escolhas de metas e ações e, ainda, no nível de esforço aplicado e na carga horária demandada, com base em experiências malsucedidas anteriormente (AZZI; POLYDORO; BZUNECK, 2006).

No âmbito específico do esporte, tem-se que a autoeficácia é uma importante determinante e moduladora do rendimento esportivo, sendo uma ferramenta essencial aos atletas para a realização de tarefas esportivas (BALAGUER; AMPARO; VILLAMARÍN, 1995). Ainda, faz-se relevante quando se pensa na aderência e continuidade em atividades físicas, como também no empenho diante de dificuldades, estímulos e nível de esforço a ser aplicado para cumprir propósitos e ultrapassar entraves (IAOCHITE, 2017).

Especificamente tendo como ponto de partida seus dois polos de efeitos - positivo e negativo -, pode-se dizer que quando positiva a autoeficácia ganha importância por ser considerada uma operadora base para o desempenho eficiente de atletas (BANDURA, 1994). Em contrapartida, quando negativa tende a acarretar dúvidas, particularmente caso as crenças positivas não tenham sido estabelecidas definitivamente (BANDURA, 1994).

Apesar do indicativo da sua influência e relevância no esporte, não foram encontrados, até o presente momento, estudos que mapeiem sistematicamente a produção de conhecimento sobre a autoeficácia no contexto esportivo na literatura brasileira. Dessa forma, conhecer a demanda da produção científica dessa temática poderá auxiliar pesquisadores, treinadores, atletas e gestores no cenário brasileiro a direcionarem esforços que subsidiem a sua prática profissional e gerem avanços acadêmicos e científicos com maior qualidade em diferentes níveis de atuação.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, no cenário brasileiro. Mais especificamente, os objetivos visam verificar a frequência de estudos analisando a autoeficácia no esporte ao longo dos anos e investigar as modalidades esportivas em que foi analisada a autoeficácia, bem como examinar as populações analisadas nos estudos sobre autoeficácia no esporte publicados em dissertações, teses e periódicos nacionais.

1.2. Método

1.2.1 Estratégia de busca dos artigos

As buscas dos artigos, teses e dissertações ocorreram no mês de novembro de 2021 em bancos de dados online. Para delimitar o presente estudo, optou-se por utilizar três bases de dados digitais: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Literatura Latino-*

Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e o Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A coleta de dados foi realizada com a utilização dos descritores “autoeficácia”, “auto-eficácia” e “eficácia pessoal”, sendo as buscas para cada descritor realizadas separadamente e utilizado nas bases de dados SciELO e LILACS um filtro do idioma português.

1.2.2 Critério de elegibilidade

Como critérios de inclusão para o estudo foram considerados: (a) estudos que analisaram a autoeficácia no contexto esportivo; (b) ser publicado até a data de outubro de 2021; e (c) estudos publicados em periódicos brasileiros e instituições brasileiras; e (d) estudos que analisaram a autoeficácia. Como critérios de exclusão, (a) não foram considerados resumos de congresso, editoriais e cartas; (b) estudos que não possuíssem o texto completo na íntegra; (c) estudos que estivessem em língua portuguesa; e (d) estudos que não mensuraram a autoeficácia.

1.2.3 Seleção dos estudos e extração de dados

Os procedimentos de busca e seleção dos artigos e dissertações/teses foram realizados por dois pesquisadores de forma independente e em caso de discordância, foi debatido entre os avaliadores até alcançar um parecer final. A análise inicial constou da leitura dos títulos e resumos dos trabalhos. Na fase seguinte, todos os selecionados a partir do resumo foram examinados na íntegra de acordo com os critérios de elegibilidade estabelecidos.

Depois de selecionados os artigos e dissertações/teses, foram extraídos os dados referentes ao ano, autores e suas instituições (somente o primeiro e último autor), programas de pós-graduação dos autores das dissertações/teses, periódico, título, amostra, objetivo, esporte analisado, informações sobre avaliação e resultados principais da autoeficácia.

1.2.4 Análise e apresentação dos dados

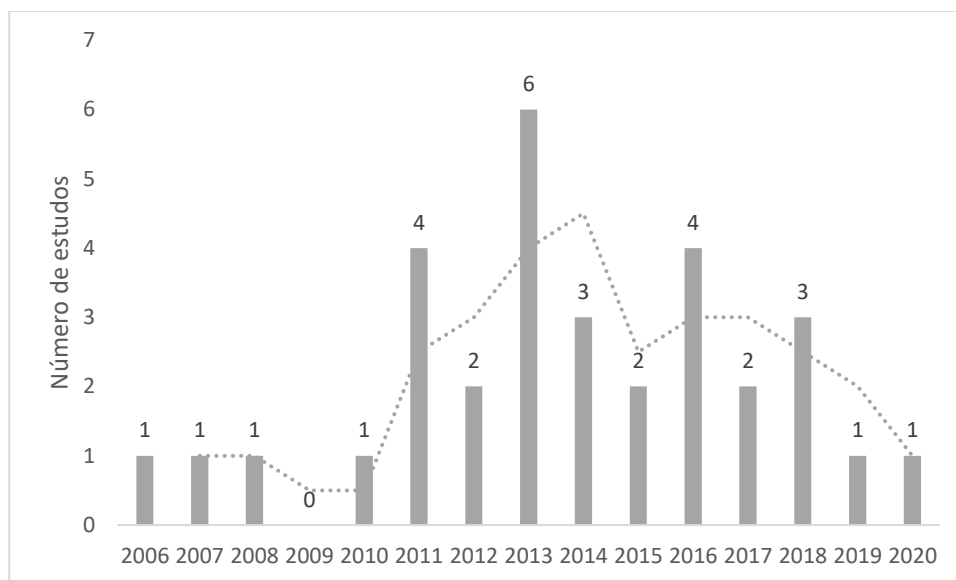
Os dados coletados foram inicialmente organizados em uma planilha do *Microsoft Office Excel* para posterior análise. Na sequência foram analisados com base em estatística descritiva dos valores absolutos (N) e relativos (%).

1.3 Resultados

A busca inicial permitiu identificar 1.163 artigos (SciELO = 343; LILACS = 820) e 880 teses e dissertações. Após avaliação inicial do título e resumo, 848 teses e dissertações não foram incluídas no estudo por serem repetidas ou não analisarem a autoeficácia no contexto esportivo. Posteriormente, 32 estudos foram lidos na íntegra e cinco foram excluídos por não mensurarem a autoeficácia e dois por não disponibilizarem o texto completo na íntegra. De maneira similar, 1.142 artigos não foram incluídos no estudo por serem repetidos ou não analisarem a autoeficácia no contexto esportivo após leitura de título e resumo. Dos 21 artigos escolhidos, 11 foram excluídos por não mensurarem a autoeficácia no contexto esportivo e três por não disponibilizarem o texto completo na íntegra. Assim, ao final foram selecionados para análise sete artigos e 25 dissertações/teses, totalizando 32 estudos.

A Figura 1 apresenta as datas de publicações dos artigos e dissertações/teses conjuntamente. O primeiro artigo publicado que foi encontrado sobre o tema data o ano de 2011, enquanto a primeira dissertação/tese encontrada foi no ano 2006. Pode ser visualizado que a frequência de publicações sobre a autoeficácia no esporte se manteve relativamente constante ao longo dos anos, apresentando uma maior quantidade de publicações no ano de 2013 (n = 6). Logo em seguida, os anos de 2011 e 2016 com quatro publicações e posteriormente os anos de 2014 e 2018, com três publicações, e os anos de 2012, 2015 e 2017 com duas publicações cada. Em outros seis anos (2006, 2007, 2008, 2010, 2019 e 2020), a frequência de publicações foi de um estudo e, apenas no ano de 2009, após a primeira aparição, não foi encontrada nenhuma publicação.

Figura 1. Número de artigos e dissertações/tese analisando à autoeficácia no contexto esportivo ao longo dos anos



Fonte: os próprios autores

No que se refere à análise das instituições dos autores somente das teses e dissertações, a instituição que apresentou o maior número de publicações foi a Universidade Federal do Paraná (UFPR) ($n = 4$). Em seguida, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) publicaram três estudos (TABELA 1). Ademais, a Universidade São Judas Tadeu (USJT), a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tiveram dois estudos publicados. Ainda, nove diferentes instituições publicaram apenas um estudo.

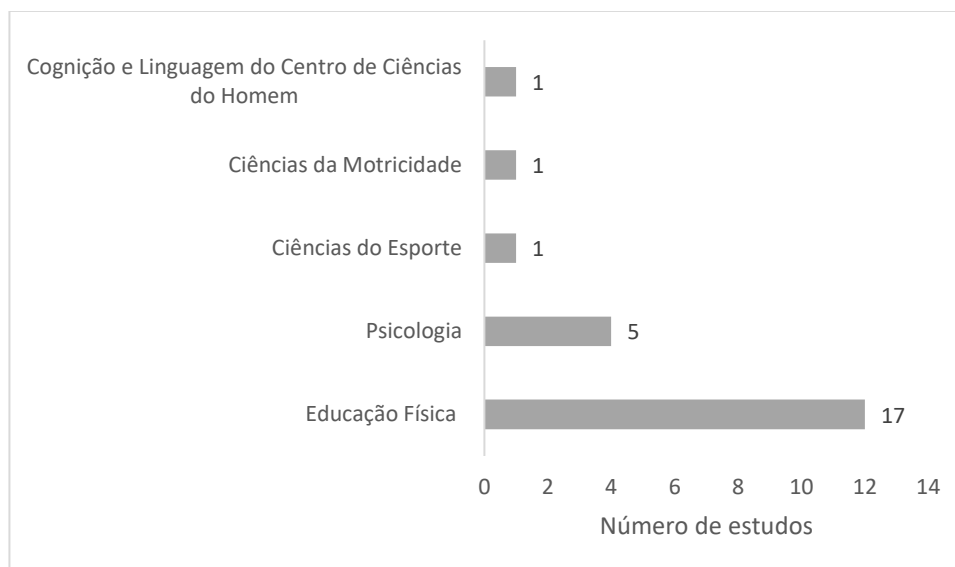
Tabela 1. Número de estudos publicados (teses e dissertações) relacionados à autoeficácia no contexto esportivo por instituição.

| Instituição | Sigla | N |
|---|--------------|----------|
| Universidade Federal do Paraná | UFPR | 4 |
| Universidade Federal São Judas Tadeu | UFSJT | 2 |
| Universidade Estadual de Campinas | UNICAMP | 1 |
| Universidade Federal de Santa Catarina | UFSC | 2 |
| Universidade Federal de Pelotas | UFPEL | 3 |
| Universidade Federal de Juiz de Fora | UFJF | 3 |
| Universidade Estadual de Maringá | UEM | 2 |
| Universidade Federal de Sergipe | UFS | 1 |
| Universidade Estadual Paulista | UNESP | 1 |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro | UFRJ | 1 |
| Universidade de São Paulo | USP | 1 |
| Universidade Estadual do Norte Fluminense | UENF | 1 |
| Universidade Metodista de Piracicaba | UNIMEP | 1 |
| Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG | 1 |
| Universidade Federal de Londrina | UEL | 1 |

Fonte: os próprios autores

No que se refere aos programas de pós-graduação dos autores, a maioria foi em Educação Física, com 17 trabalhos, seguida de programas de pós-graduação em Psicologia, com cinco trabalhos (FIGURA 2). Ainda, foram encontrados estudos oriundos de programas de Ciências do Esporte, Ciências da Motricidade e Cognição e Linguagem do Centro de Ciência.

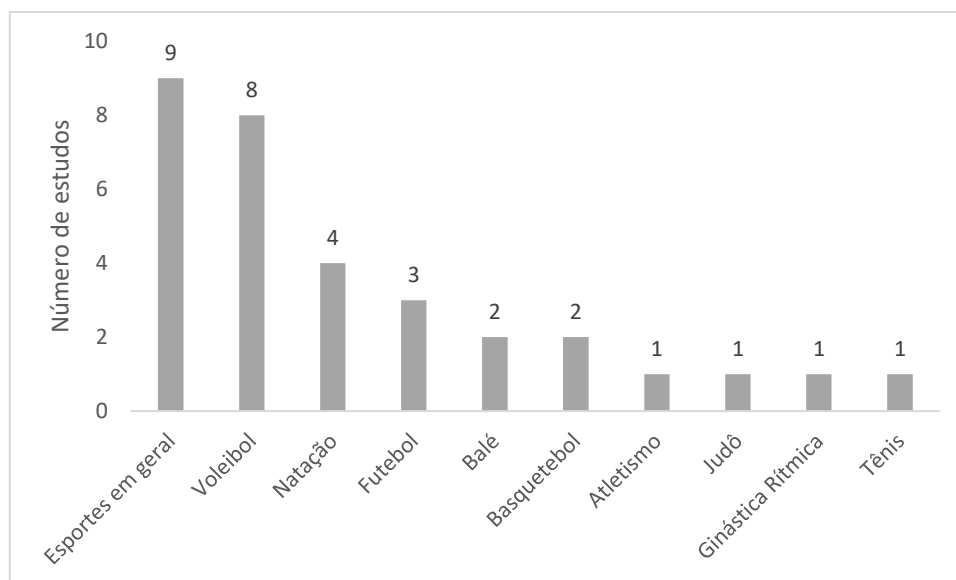
Figura 2. Número de dissertações/teses publicados relacionados à autoeficácia no contexto esportivo considerando o programa de pós-graduação



Fonte: os próprios autores

Os esportes mais investigados analisando a autoeficácia foram o voleibol, com oito estudos (25%), seguidos pela natação, com quatro publicações (12,5%) e futebol com três (9,37%) (FIGURA 3). Ademais, basquetebol e balé tiveram duas pesquisas (6,25%) envolvendo a autoeficácia. Destaca-se ainda outras modalidades, como atletismo, judô, ginástica rítmica e tênis de campo, que tiveram apenas uma investigação cada (3,12%).

É importante destacar que grande parte dos estudos se enquadrou na classificação de esportes em geral ($n = 9$ 28,12%), em que foram consideradas pesquisas que não especificaram as modalidades esportivas analisadas. Ao total, foram investigadas nove modalidades esportivas diferentes, sendo seis modalidades individuais e três modalidades coletivas. Além disso, um estudo investigou a autoeficácia nos esportes paralímpicos, sendo o judô.

Figura 3. Modalidades esportivas investigadas nos estudos publicados relacionados à autoeficácia

Fonte: os próprios autores

No que se referem aos objetivos dos estudos dos artigos selecionados (TABELA 2), dois estudos visam a analisar a validade de dois instrumentos capazes de mensurar a autoeficácia, um ligado ao âmbito esportivo de maneira abrangente e o outro especificamente bailarinos. Por outro lado, três outros estudos tiveram como objetivo relacionar alguns construtos como as relações entre autoeficácia e nível de ansiedade e o fluxo e as formas de motivação. Além disso, um estudo visou avaliar a relação entre ansiedade, estresse e estratégias de enfrentamento em jogadores, durante o período pré competitivo. Diferente dos já citados, apenas um artigo teve como foco investigar e comparar as avaliações autorreferentes centrais. Por fim, somente um estudo objetivou monitorar os níveis de estresse e recuperação de uma equipe de voleibol durante o período de competição.

Em relação a como a autoeficácia foi analisada nos artigos selecionados, dois estudos utilizaram o questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76). Além disso, outros três artigos tiveram a autoeficácia analisada por meio de escalas, que foram construídas especificamente para a modalidade, sendo elas escala de autoeficácia individual para o voleibol (CARMO, 2006), Escala de autoeficácia para bailarinos (SILVA et al., 2015) e escala de avaliações autorreferentes (FERREIRA et al., 2013). Por fim, apenas um artigo customizou o questionário para a entrevista e, conseqüentemente, mensurou a autoeficácia.

Tabela 2. Informações principais dos artigos analisando a autoeficácia no contexto esportivo encontrados nas bases de dados SciELO e LILACS

| Revista | Ano | Autores | Título | Objetivo | Amostra | Autoeficácia | Resultados principais da autoeficácia |
|--|------|-------------------------------|--|--|--|---|--|
| Revista Brasileira de Medicina Esportiva | 2011 | Franco Noce et al. | Análise dos sintomas de <i>overtraining</i> durante os períodos de treinamento e recuperação: estudo de caso de uma equipe feminina da superliga de voleibol 2003/2004 | Monitorar os níveis de estresse e recuperação de uma equipe feminina de voleibol durante uma competição nacional | n = 16; S = F; IM = 23,63 ± 6,40; NH = Atletas profissionais | Questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001) | Os indicadores de estresse se elevaram no período de treinamento e que alguns marcadores de recuperação, como sucesso e <i>autoeficácia</i> apontaram baixos níveis de recuperação |
| Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho Humano | 2011 | Lenamar Fiorese Vieira et al. | Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense | Analisar a autoeficácia em relação ao nível de ansiedade em atletas do atletismo no Estado do Paraná | n = 75; S = 47M, 28F; IM = 16,76 ± 1,42; NH = Atletas Profissionais | Questionário Customizado | Foi verificado maior <i>expectativa de eficácia</i> para alcançar o primeiro lugar nas competições, sendo 58% no grupo masculino e 64% no feminino |

| | | | | | | | |
|--------------------------------|------|------------------------------------|--|--|---|---|---|
| Revista da Educação Física/UEM | 2012 | Simone S. Gomes et al. | O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas | Verificar a relação entre o fluxo e as formas de motivação estabelecidas pela teoria da autodeterminação, a autoeficácia, a habilidade percebida e a orientação às metas | n = 1° fase: 9, 2° fase: 11 e 3° fase: 10; S = M; IM = 1° fase: 23,78 ± 3,86, 2° fase: 24,36 ± 3,13, 3° fase: 22,80 ± 3,58; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia individual para o voleibol (CARMO, 2006) | <i>Autoeficácia</i> foi considerada alta, estando acima de 70% em todos os jogos analisados |
| Revista Educação Física/UEM | 2014 | Thais do Amaral Machado et al. | Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. | Verificar os instrumentos empregados para mensurar a autoeficácia relacionada ao desempenho esportivo e identificar suas propriedades psicométricas. | Revisão de literatura | - | - |
| Avaliação Psicológica | 2015 | Andressa Melina B. da Silva et al. | Escala de autoeficácia para bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. | Elaborar e verificar as evidências da validade da Escala da autoeficácia para bailarinos. | n = 410; S = 383F, 27M; IM = 15,35 ± 3,36; NH = Atletas profissionais. | Escala de autoeficácia para bailarinos (SILVA et al., 2015) | Escala de <i>autoeficácia</i> para bailarinos apresentou propriedades psicométricas adequadas para utilização em bailarinos adolescentes. |

| | | | | | | | |
|------------------------------|------|--|--|--|---|---|---|
| Revista de Psicologia | 2019 | Karina A. P. Clemente et al. | Ansiedade, estresse e estratégias de enfrentamento pré-competitivo de jogadores profissionais de basquetebol | Avaliar a relação entre ansiedade, estresse e estratégias de enfrentamento em jogadores de basquete em período de treinamento pré-competitivo | n = 13; S = M; IM = 23,08 ± 5,14; NH = Atletas profissionais | Questionário de recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001) | No quesito estresse, obtiveram bom escore nas subescalas <i>autoeficácia</i> e autorregulação e pior escore em lesões e estresse específico |
| Psicologia: Teoria e Prática | 2020 | Mikael A. Corrêa Ana Cristina G. Dias | Avaliações autorreferentes e práticas esportivas: Comparações entre universitários praticantes e não praticantes | Investigar e comparar as avaliações autorreferentes centrais de três grupos de universitários: praticantes de esportes em nível competitivo, praticantes por lazer e não praticantes | n = 703; S = 496M, 207H; IM = 23,97± 5,56; NH = Atletas universitários | Escala de avaliações autorreferentes (FERREIRA et al., 2013) | Para aqueles indivíduos praticantes de esportes competitivos, a <i>autoeficácia</i> era maior quando comparado com o grupo dos praticantes de esportes de lazer |

Legenda – N: Número de participantes; S: Sexo; IM: Idade média; NH: Nível de habilidade

Relativamente aos objetivos principais das dissertações e teses publicadas, três estudos buscaram traduzir, adaptar e validar questionários, dos quais dois foram referentes especificamente a autoeficácia com foco no voleibol, em período competitivo, e outro sobre recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001), e o terceiro buscou verificar os instrumentos empregados para mensurar a autoeficácia relacionada ao desempenho esportivo e identificar suas propriedades psicométricas em contexto esportivo geral. Outro grupo de estudos visou analisar a autoeficácia em populações específicas, sendo a relação entre idosos e autoeficácia. Especificamente dois estudos se concentraram nesse foco, sendo que um teve como propósito analisar o desempenho dos idosos em responder questionários, e outro avaliar o quanto um grupo de convivência de exercícios físicos tinha de interferência na constituição dessas autoeficácia. Por outro lado, cinco pesquisas buscaram discorrer sobre autoeficácia e o desempenho esportivo no futebol, natação, voleibol (2) e tênis. Em sua maioria, relacionando autoeficácia, ansiedade, estresse e desempenho.

Da mesma forma, outros quatro estudos tiveram como cerne a investigação da aprendizagem de habilidades motoras. Um deles buscou compreender essa aprendizagem de habilidades motoras da dança manipulando o fornecimento de demonstração e outro manipulando a auto-observação (feedback de vídeo) na aprendizagem da natação. Outros tiveram foco em fatores considerados motivacionais, sendo a ameaça do estereótipo e outro na perspectiva da autonomia na aprendizagem motora. Têm-se, ainda, outros dois estudos que buscaram aferir a eficácia dos treinadores. O primeiro diz respeito ao êxito dos treinamentos e o segundo referente à percepção de eficácia competitiva dos seus atletas, bem como da autoeficácia dos competidores paralímpicos.

Para além dos agrupados conforme semelhança de objetivos - e já citados até então - dispõe-se de outros nove estudos com temas e propósitos destoantes entre si. Dentre os focos abordados têm-se, por quatro estudos, a investigação do grau de associação entre a autoeficácia geral percebida, o nível de qualidade de vida e o suporte social em atletas de voleibol de rendimento; a verificação da relação preditiva entre a autoconfiança esportiva e as suas fontes; a análise a melhora no desempenho do nado crawl em prova de 750m após intervenção psicológica do autoinforme motivacional; e a investigação das relações entre resiliência, estresse, recuperação, e lesões no contexto de ginástica rítmica de elite ao longo de uma temporada.

Ainda, outros três se dedicaram ao estudo de comparar a percepção de intensidade da carga de treinamento planejada pelo técnico com a intensidade percebida por atletas; identificar e analisar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas; e, por último, investigar a relação entre fluxo no voleibol e outras variáveis psicológicas como motivação, autoeficácia e capacidade percebida. Por fim, os demais focaram na investigação dos efeitos agudos da imagética motora sobre o desempenho de atletas de basquetebol e na análise de indicadores dos efeitos da experiência de jovens no esporte em um contexto de programa sócio esportivo.

Em relação a como a autoeficácia foi analisada, 10 estudos utilizaram a escala de autoeficácia geral, sendo quatro com a escala de autoeficácia geral percebida (SCHWARZER; JERUSALEM, 1995) e três com o questionário de autoeficácia (BANDURA, 2006), além do questionário de autoeficácia geral (PACICO *et al.*, 2014), escala de percepção geral da autoeficácia percebida (COIMBRA; FOINTAINE, 1999) e escala de autoeficácia geral (BOSSCHER;SMIT, 1998). Ainda, outros três estudos utilizaram questionários sobre autoeficácia específicos para determinado esporte, sendo eles o questionário de autoeficácia no futebol (BRAY; BALAGUER; DUDA, 2004), escala de autoeficácia para a natação (EAEN) (Baseado em BANDURA, 2006), e a escala de autoeficácia individual para o voleibol (CARMO, 2006).

Da mesma forma, outros três estudos utilizaram o questionário de recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001). Além dos já citados, outros quatro estudos utilizaram entrevistas e questionários customizados. Na mesma direção, dois estudos foram feitos a partir de entrevistas semiestruturadas. Por fim, apenas um estudo utilizou o *Coaching Efficacy Scale* (FELTZ *et al.*, 1999) e outros dois não tiveram informações referente à coleta dos dados.

Tabela 3. Informações principais das dissertações e teses analisando autoeficácia no contexto esportivo encontradas no banco da CAPES.

| Instituição | Ano | Autor(a) | Título | Objetivo | Amostra | Autoeficácia | Resultados principais autoeficácia |
|---------------------------------------|------|-------------------------|--|---|---|------------------------|--|
| Universidade Federal do Paraná - UFPR | 2013 | Thais do Amaral Machado | Validação da escala de autoavaliação do saque do voleibol | Validar a tradução e adaptação transcultural da volleyball <i>serving self evaluation scale</i> para a língua portuguesa corrente no Brasil | SI | SI | Escala de <i>autoeficácia</i> geral percebida não demonstrou ser uma boa medida para analisar a validade concorrente do instrumento de avaliação do saque do voleibol |
| Universidade São Judas Tadeu - USJT | 2014 | Thabata Santos Ventura | Significados atribuídos por idosos ao grupo de convivência de exercícios físicos e possíveis relações com a constituição da crença de autoeficácia | Compreender o significado do grupo de convivência de exercícios físicos e sua relação na constituição da crença de autoeficácia de idosos | n = 30; S = 21M, 9F; IM = 70,8; NH = Iniciantes | Entrevista customizada | Na relação exercício físico e crença de <i>autoeficácia</i> dos idosos, verificamos que sua influência se centra principalmente na questão da funcionalidade física e percepção de saúde |

| | | | | | | | |
|---|------|---------------------|--|--|--|--|--|
| Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC | 2013 | Andréa Duarte Pesca | Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas | Avaliar eficácia de treinamento de treinadores desportistas no contexto brasileiro | n = 207; S = 182H, 27M; IM: 37,9; NH = Técnicos das categorias de base e profissional | <i>Coaching Efficacy Scale</i> (FELTZ et al., 1999) | A escala de <i>eficácia</i> de Treinamento apresenta evidências de validade de construto adequadas ao modelo teórico e aos propósitos deste estudo |
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2008 | Marco Ferreira | A influência da autoeficácia e da ansiedade em jogadores de futebol | Investigar a associação da autoeficácia e ansiedade com o desempenho em jogadores de futebol | n = 208; S = M; IM = 18,97 ± 4,86; NH = Atletas da categoria Juvenil, júnior e profissional | Questionário de autoeficácia no futebol (BRAY; BALAGUER; DUDA, 2004) | <i>Autoeficácia</i> apresentou correlação significativa de força baixa e sentido negativo com a ansiedade pré-competitiva |

| | | | | | | | |
|---|------|-------------------------|---|---|--|---|---|
| Unidade Federal de Minas Gerais - UFMG | 2011 | Varley Teoldo da Costa | Adaptação e validação do <i>restq-coach</i> para a população brasileira de treinadores esportivos | Testar a proposta original do instrumento <i>restq-coach</i> , validar o questionário para a versão brasileira e mensurar os níveis de estresse, recuperação e prováveis sintomas de burnout em treinadores brasileiros | n= 432; S = NM; IM = 37,06 ± 9,20; NH = Treinadores de equipes amadoras e profissionais | Questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001) | Os resultados apontam que níveis elevados de <i>autoeficácia</i> podem auxiliar nos processos de recuperação do treinador |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ | 2012 | Aline Arias Wolff | Autoeficácia, desempenho e stress em atletas de natação | Investigar a relação existente entre níveis de autoeficácia e desempenho, autoeficácia e stress diagnosticado e desempenho e stress diagnosticado em atletas de alto rendimento de natação | n = 42; S = 30H, 12F; IM = + 18; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia para a natação (Baseado em BANDURA, 2006) | Os resultados demonstraram que, na amostra estudada, quanto maior o nível de <i>autoeficácia</i> , melhor é o desempenho |
| Universidade Federal de Pelotas - UFPEL | 2015 | Anielle Conceição Lemos | Efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças | Examinar os efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças de 10 e 11 anos | n = 24; S: F; IM = 10,58 ± 0,5; NH = Iniciantes | Questionário de autoeficácia (BANDURA, 2006) | A demonstração autocontrolada leva a maior <i>autoeficácia</i> , quando comparada à demonstração externamente controlada |

| | | | | | | | |
|---|------|-------------------------|--|---|---|--|---|
| Universidade Estadual de Maringá - UEM | 2011 | Paulo Vitor Suto Aizava | Autoeficácia, qualidade de vida e suporte social relacionados ao esporte de rendimento | Investigar o grau de associação entre a autoeficácia geral percebida o nível de qualidade de vida e o suporte social em atletas de voleibol de rendimento | n = 86; S = M; IM = NM; NH = Atletas profissionais e amadores | Escala de autoeficácia geral percebida (SCHWARZER ; JERUSALEM, 1995) | A <i>autoeficácia</i> geral teve associação com bom nível de qualidade de vida e alto suporte social no contexto dos atletas de voleibol |
| Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC | 2018 | Gabriela Frischknecht | Avaliação da autoconfiança esportiva em atletas. | Verificar a relação preditiva entre a autoconfiança esportiva e as suas fontes, bem como entre a autoconfiança esportiva, suas fontes, variáveis de perfil, autoeficácia geral, qualidade de vida e bem-estar subjetivo | n = 505; S = 268M,237F; IM = 24,5± 8,1; NH = Atletas profissionais | Questionário de autoeficácia geral (PACICO et al., 2014) | Os resultados do quarto estudo indicaram que <i>autoeficácia</i> geral foi uma das variáveis que predisseram aproximadamente 42% da variação da autoconfiança |

| | | | | | | | |
|--|------|-------------------------|--|---|---|------------------------|---|
| Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP | 2006 | Ana Paula do Carmo | Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol | Traduzir, adaptar e iniciar o processo de validação de instrumento destinado a avaliar a autoeficácia de atletas do voleibol em momentos que antecedem a partida | SI | SI | A escala de <i>autoeficácia</i> para o voleibol pode ser considerada válida e fidedigna, podendo ser utilizada como uma importante ferramenta para pesquisadores interessados em explorar o constructo da autoeficácia em atletas do voleibol |
| Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF | 2013 | Thiago Azevedo da Silva | O comportamento em treinamento técnico de jogadores profissionais de futebol: um estudo na perspectiva da autorregulação da aprendizagem | Analisar se os jogadores profissionais do americano futebol clube, apresentam comportamento condizente às variáveis correspondentes às dimensões que integram o construto da autorregulação da aprendizagem | n = 32; S = M; IM = 18 a 33 anos; NH = Atletas profissionais | Entrevista customizada | Os atletas apresentaram melhor domínio na dimensão motivacional, principalmente no que diz respeito à crença de <i>autoeficácia</i> (100% do grupo) |

| | | | | | | | |
|---|------|---------------------------|---|--|--|--|---|
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2013 | Caroline Valente Heidrich | Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino | Verificar os efeitos da ameaça do estereótipo negativo, na aprendizagem de uma tarefa motora de futebol | n = 60; S = F; IM = 20 a 33; NH = iniciantes | Questionário de autoeficácia (BANDURA, 2006) | Os participantes do grupo de ameaçado estereótipo reduzido demonstraram um maior nível de <i>autoeficácia</i> do que o grupo de ameaça do estereótipo |
| Universidade Federal do Paraná – UFPR | 2016 | Lorena Fernanda de Matos | Efeitos do autoinforme motivacional no desempenho do nado | Verificar se há melhora no desempenho do nado a crawl em prova de 750m com triatletas amadores após intervenção psicológica do autoinforme motivacional | n= 21; S = 15M, 6F; IM = 20 e 30 anos; NH = Atletas amadores | Questionário customizado | A <i>autoeficácia</i> melhorou significativamente após intervenção no grupo autoinforme motivacional, enquanto o grupo autoinforme neutro não alterou significativamente. |
| Universidade São Judas Tadeu – USJT | 2017 | Carolina de Campos | Eficácia percebida por atletas e treinador de judô paralímpico | Avaliar a percepção da autoeficácia competitivas de atletas paralímpicos de judô e a percepção do treinador sobre a eficácia competitiva de seus atletas | n = 11; S = 6M, 5F; IM = 30,18 ± 7,61; NH = Atletas profissionais | Questionário customizado | Judocas e treinadores passaram a perceber a <i>eficácia</i> das habilidades físicas e psicológicas dos atletas de maneira mais parecida, conforme o aumento do tempo de relacionamento entre eles |

| | | | | | | | |
|---|------|--------------------------------------|--|---|---|---|---|
| Universidade Estadual de Maringá - UEM | 2017 | Renan Codonato | Resiliência, estresse e lesões no contexto da ginástica rítmica de elite | Investigar as relações entre resiliência, estresse, recuperação, e lesões no contexto de ginástica rítmica de elite ao longo de uma temporada | n = 8; S = F; IM = 20,4 ± 2,5; NH = Atletas profissionais | Questionário de Recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001) | A resiliência revelou correlação entre as variáveis psicológicas que podem ser consideradas como positivas, sendo uma delas a <i>autoeficácia</i> |
| Universidade Federal de Pelotas – UFPEL | 2018 | Helena Thofehrn Lessa Stumpf | Feedback autocontrolado e aprendizagem motora em idosos | Entender as preferências estratégicas dos idosos, assim como testar o delineamento proposto e investigar o entendimento dos idosos quanto ao preenchimento de questionários | n = 60; S = 54F, 6M; IM = 68,2 ± 5,8; NH = Iniciantes | Questionário de autoeficácia (BANDURA, 2006) | A efetividade da aprendizagem com feedback autocontrolado e a capacidade de estimar melhor quando os idosos têm maior <i>autoeficácia</i> |
| Universidade Federal de Juiz De Fora - UFJF | 2016 | Francine Caetano de Andrade Nogueira | Crença de autoeficácia e ansiedade em atletas de voleibol | Caracterização psicológica de atletas de voleibol em relação à autoeficácia e ansiedade pré-competitiva ao longo de uma temporada competitiva | n = 32; S = M; IM = 26,46 ± 5,51; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia individual para o voleibol (CARMO, 2006) | Os atletas de voleibol apresentaram, no geral, um perfil de altos níveis de <i>autoeficácia</i> |

| | | | | | | | |
|---|------|--------------------------------|--|---|--|---|---|
| Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF | 2013 | Francine Caetano de Andrade | Comparação entre diferentes parâmetros de controle da carga interna e externa de treinamento, recuperação e rendimento em atletas de natação | Comparar a percepção da intensidade da carga de treinamento planejada pelo técnico com a intensidade percebida por atletas juvenis de natação | n = 17; S = 10H,7F; IM = 15,2 ± 0,57; NH = Atletas da categoria juvenil | Questionário de recuperação no esporte (RESTQ-Sport-76) (KELLMAN; KALLUS, 2001) | Durante a competição principal, os atletas tinham uma menor <i>autoeficácia</i> , aceitação pessoal e qualidade do sono e um maior estresse geral, mas que não foram suficientes para alterar significativamente a relação recuperação-estresse do RESTQ |
| Universidade Federal de Sergipe - UFS | 2016 | Michel Habib Monteiro Kyrillos | Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia em atletas | Identificar e analisar os motivos para a prática esportiva e a autoeficácia em atletas | n = 99; S = 56H,7F; 437IM = 14,3 ± 3,54; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia geral percebida (SCHWARZER ; JERUSALEM, 1995) | Os motivos apresentados como os mais importantes foram competição, competência técnica e aptidão física, considerados como extrínsecos e que a autoeficácia sofre variação em função do atleta possuir ou não o auxílio financeiro e em função da modalidade esportiva que se pratica |

| | | | | | | | |
|---|------|----------------------------------|---|--|---|--|--|
| Universidade Estadual Paulista - UNESP | 2007 | Ricardo Macedo Moreno | Auto-eficácia de tenistas e desempenho esportivo: perspectivas da psicologia do esporte | Investigar a percepção da auto-eficácia do tenista em suas diferentes dimensões. | n = 8; S = M; IM = 16 a 18; NH = Atletas profissionais | Entrevista semiestruturada | O resultado é entendido como fluido, já que para o atleta em determinados momentos estava com a <i>autoeficácia</i> alta e outro momento baixa |
| Universidade de São Paulo- USP | 2013 | Priscila Garcia Marques da Rocha | O efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação na aprendizagem motora | Investigar o efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação e autoeficácia na aprendizagem motora | n = 110; S = ambos os sexos; IM = 20,7 ± 0,44; NH = Iniciantes | Escala de autoeficácia geral percebida (SCHWARZER ; JERUSALEM, 1995) | A auto-observação melhorou a crença de <i>autoeficácia</i> , independente da escolha |
| Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF | 2010 | Simone Salvador Gomes | Quando o jogo flui: uma investigação sobre a teoria do fluxo no voleibol | Investigar a relação entre fluxo no voleibol e outras variáveis psicológicas como motivação, autoeficácia e capacidade percebida | n = 12; S = M; IM = 23,41± 1,01; NH = Atletas profissionais | Entrevista semiestruturada | A autoeficácia foi considerada alta, estando acima de 70% em todas as fases de competição |

| | | | | | | | |
|---|------|-------------------------------|---|---|--|---|--|
| Universidade Estadual de Londrina – UEL | 2014 | Thiago Ferreira Dias Kanthack | Imagética motora: efeito sobre o desempenho de lance livre no basquetebol | Investigar os efeitos agudos da imagética motora sobre o desempenho de atletas de basquetebol | n = 11; S = M; IM = 17,6±0,5; NH = Profissionais da categoria juvenil | Escala de percepção geral autoeficácia Percebida (COIMBRA; FOINTAINE, 1999) | A percepção de <i>autoeficácia</i> não sofreu alteração da sessão de imagética |
| Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP | 2016 | Riller Silva Reverdito | Pedagogia do esporte e modelo bioecológico do desenvolvimento humano: indicadores para avaliação de impacto em programa sócio esportivo | Investigar indicadores dos efeitos da experiência de jovens no esporte em um contexto de programa sócio esportivo | n = 832; S = 588M, 284F; IM = 13,62 ±1,52; NH = Iniciantes | Escala de autoeficácia geral (BOSSCHER; SMIT, 1998) | Houve influência positiva e significativa da <i>autoeficácia</i> percebida sobre a experiência positiva do(a)s jovens no esporte, que foi reforçada pelo tempo de participação no programa |

| | | | | | | | |
|---|------|-------------------------|--|---|---|--|--|
| Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF | 2018 | Thais do Amaral Machado | Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento | O objetivo deste estudo foi construir e testar psicometricamente uma escala de autoeficácia no voleibol para jogadores brasileiros de alto rendimento | N= 65; S = 33M, 32F; IM = 26,93 ± 1,36; NH = Atletas profissionais | Escala de autoeficácia geral percebida (SCHWARZER ; JERUSALEM, 1995) | Os resultados confirmam a escala de <i>autoeficácia</i> no voleibol como um instrumento adequado para avaliar a <i>autoeficácia</i> de atletas de alto rendimento desta modalidade |
|---|------|-------------------------|--|---|---|--|--|

Fonte: os próprios autores

Legenda – n: Número de participantes; S: Sexo; IM: Idade média; NH: Nível de habilidade; SI: Sem informação.

1.4 Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar a produção científica sobre a autoeficácia no contexto esportivo, com foco no cenário brasileiro. Para isso, foram verificados os números totais de artigos, de teses e de dissertações, bem como a disposição dos estudos ao longo dos anos. Ainda, foram elencados os esportes analisados, as instituições e os programas em que os estudos foram realizados, além das principais informações dos estudos que analisaram a autoeficácia no âmbito esportivo. Os resultados encontrados demonstram, de forma geral, que ainda há poucos estudos que discorrem sobre a autoeficácia no contexto esportivo em língua portuguesa no cenário nacional. Especificamente, o primeiro artigo encontrado foi no ano de 2011 e a primeira dissertação/tese data-se em 2006, com um total de 32 trabalhos (25 teses/dissertações e sete artigos). Tais resultados revelam um panorama de estudos recentes com um número baixo de publicações sobre a temática, quando comparados à conjuntura de estudos de outras temáticas analisadas no contexto esportivo (DOMINSKI et al., 2018; FRAINER et al., 2017; SOUZA et al., 2016).

Por exemplo, Dominski et al. (2018), ao analisarem o panorama de estudos analisando o campo de estudos da Psicologia do Esporte no Brasil, encontraram o total de 145 de estudos, sendo em 1997 o ano do primeiro estudo localizado. Portanto, é possível notar uma diferença de quase uma década (nove anos) entre o primeiro estudo relacionado a Psicologia do Esporte (1997) e o primeiro estudo encontrado analisando autoeficácia no contexto esportivo (2006). Cabe ressaltar que pôr a autoeficácia ser um construto da Teoria Social Cognitiva, que se enquadra no campo da Psicologia do Esporte, também pode justificar o fato de mais pesquisas serem encontradas no âmbito da Psicologia do Esporte em relação à autoeficácia no esporte.

Em linhas gerais, é possível verificar que os estudos com enfoque na autoeficácia, quando específicos a áreas de conhecimento e publicados em língua portuguesa, tendem a ser mais recentes em relação a outras temáticas analisadas no contexto esportivo (BOPSIN; GUIDOTTI, 2021; IAOCHITE et al., 2016). No estudo de Iaochite et al. (2016), por exemplo, é apresentado que a primeira pesquisa sobre autoeficácia no campo educacional em periódicos nacionais data o ano de 2003, bem próximo ao primeiro estudo localizado analisando a autoeficácia no contexto esportivo (2006).

Uma possível explicação para esses resultados pode estar associada a recente crescente quantidade de programas de pós-graduação no Brasil visualizada nas últimas décadas (MOROSINI, 2009). Somado a isso, a ampliação dos programas de Educação Física no panorama brasileiro, fundamentada na pesquisa de Rigo, Ribeiro e Hallal (2011) e um levantamento da CAPES (2016), nos quais revelou que em 1980 existiam apenas dois programas de mestrado e, em 2016, o número já atingia 32 programas de mestrado e 20 de doutorado. Além disso, o campo de estudos da Psicologia do Esporte teve um notório crescimento a partir dos anos 2000, uma vez que houve aumento na formação de mestres e doutores, o que pode ter impulsionado as pesquisas da dimensão psicológica no esporte (DOMINSKI et al., 2018).

No que se refere à análise das instituições dos estudos, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) detém o maior número de pesquisas relacionadas a autoeficácia e esporte, com quatro publicações. Posteriormente, aparecem a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) com três, e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade São Judas Tadeu (USJT) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com duas publicações cada.

É possível notar, de acordo com os resultados apresentadas na Tabela 1, que as instituições públicas conferem 86,7% do total, o que converge com os resultados encontrados em outros estudos analisando o panorama de produção científica no contexto esportivo (DOMINSKI et al., 2018; SOUZA et al., 2016). Este resultado, por sua vez, poderia ser esperado, já que de acordo com o relatório da Clarivate Analytics para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre pesquisa brasileira demonstram que o Brasil, no período de 2011-2016, publicou mais de 250.000 artigos na base de dados *Web of Science* em todas as áreas do conhecimento, correspondendo à 13ª posição na produção científica global (mais de 190 países), sendo que mais de 95% das publicações referem-se às universidades públicas, federais e estaduais (CROSS; THOMSON, 2018)

Tais instituições localizadas encontram-se nas regiões sudeste (n = 17) e sul (n = 15), sendo o estado de São Paulo com maior destaque (n = 10). Logo em seguida vem Paraná (n = 9), Minas Gerais (n = 5), Rio Grande do Sul (n = 4), Santa Catarina, Rio de Janeiro (n = 2) e, por fim, Sergipe com apenas uma publicação. Segundo Dominski et al. (2018), as regiões sudeste e sul têm maiores índices no que tange a quantidade de pesquisas relacionadas à Psicologia do Esporte, e esses dados vão de encontro com os achados encontrado no presente estudo sobre autoeficácia no esporte.

A grande concentração de artigos, teses e dissertações nas regiões já citadas, pode ser explicada pelo maior número de programas de pós-graduação em Educação Física existente e isso, conseqüentemente, estimula a produção científica sobre a temática (SOUZA et al., 2016). No entanto, mesmo que se tenha, relativamente, uma maior quantidade de estudos nessas regiões, e isso seja positivo, é possível notar uma quantidade ínfima de publicações nas demais como, por exemplo, na região nordeste, onde foi encontrado apenas um trabalho sobre autoeficácia (Sergipe - Universidade Federal de Sergipe). Por isso, é preciso reiterar sobre a necessidade de estudos sobre esse tema em outras localidades do Brasil.

Em relação aos esportes investigados analisando a autoeficácia, é possível notar a quantidade significativa dos estudos que enquadraram determinada atividade em esportes em geral ($n = 9$). Já sobre os esportes específicos analisados no estudo, a maioria investigou modalidades coletivas ($n = 13$), sendo o número quatro vezes maior do que modalidades individuais ($n = 3$). No entanto, tiveram aquelas modalidades que são tanto individuais quanto coletivas ($n = 7$). Especificamente, as mais investigadas foram o voleibol ($n = 8$), seguido da natação ($n = 4$), futebol ($n = 3$), balé ($n = 2$), basquetebol ($n = 2$), atletismo ($n = 1$), judô paralímpico ($n = 1$), ginástica rítmica ($n = 1$) e tênis ($n = 1$). Esses resultados vão à mesma direção dos achados verificados por Dominski et al. (2018), em que voleibol também foi o esporte mais investigado em estudos relacionados a Psicologia do Esporte em língua portuguesa.

Ainda, segundo Dominski et al. (2018), esse fato pode estar associado às questões de tradição e popularidade desta modalidade em nosso país, que por muitas vezes recebeu grande atenção da mídia, e isso sugere um maior enfoque acadêmico-científico em relação a outros esportes. Em linhas gerais, apesar de uma variedade de esportes terem sido analisados, os resultados apontam a necessidade de ampliar o estudo da autoeficácia em outras modalidades, principalmente, as modalidades individuais de modo a verificar sua abrangência considerando as diferenças visualizadas nos esportes.

Outro resultado a ser destacado refere-se a que apenas uma dessas modalidades investigadas foi de esportes paralímpicos. Os estudos que analisaram as produções científicas sobre esportes adaptados no Brasil ou em língua portuguesa (SCHMITT et al., 2017; SOUZA et al., 2016) se distanciam do presente estudo, ao apontarem a gama de esportes adaptados (por exemplo, bocha, esportes radicais, para badminton, voleibol sentado, esgrima de cadeira de roda, goalball) e o crescente número de investigações nos últimos anos. No entanto, em comparação aos esportes olímpicos, as produções

científicas em língua portuguesa não acompanham o crescimento das modalidades paralímpicas em nosso país (SOUZA et al., 2016), se fazendo justificável e necessário mais pesquisas sobre outras modalidades esportivas paralímpicas, visto o seu crescimento em diferentes âmbitos de prática nas últimas décadas (SCHMITT et al., 2017).

Por fim, pode-se ainda destacar a como a autoeficácia foi analisada nos estudos, sendo que a maioria utilizou escalas de autoeficácia geral (por exemplo, BANDURA, 2006; SCHWARZER; JERUSALEM, 1995). Apesar de alguns estudos terem avaliações específicas para determinados esportes (por exemplo, Voleibol – CARMO, 2006; Balé-SILVA et al., 2015), tais resultados referentes aos instrumentos de medida vão de encontro aos expostos no estudo de Machado (2014), que segundo a pesquisadora é fundamental que um padrão ouro de avaliação da autoeficácia em contexto esportivo seja criado, em vista do grande uso de questionários não específicos do esporte. Por isso, se faz necessário maior especificidade quando nos referimos a autoeficácia esportiva, visto que diferenças nas características nos esportes (por exemplo, número de praticantes, objetivos, tempo de realização) podem influenciar nas crenças de autoeficácia.

1.5 Conclusões

Conclui-se com base nos resultados encontrados que apesar de um leve crescimento das produções científicas a respeito da autoeficácia em contexto esportivo no cenário brasileiro na última década, ainda é baixo o número de estudos analisando essa temática. Além disso, os estudos encontrados tiveram um enfoque mais acentuado nos esportes coletivos quando comparado aos individuais, o que ressalta a necessidade de maior produção de conhecimento em esportes variados, para o crescimento da área e, por consequência, maior confiabilidade na aplicação do tema.

Por sua vez, o panorama de estudos encontrados ressalta que a autoeficácia quando entendida e aplicada, se torna uma excelente ferramenta para a prática esportiva, em nível profissional, amador, de lazer e saúde, desde o alcance do bom desempenho a partir do bem-estar psicológico do indivíduo, até sua utilização em estratégias de intervenção no aspecto motivacional dos praticantes, com impacto direto na adesão ou evasão da prática de modalidades esportivas. A partir do presente estudo, espera-se que

possamos estimular futuras pesquisas sobre a temática, de forma a agregar conhecimento à área da Educação Física.

REFERÊNCIAS

AIZAVA, P. V. S. **Autoeficácia, qualidade de vida e suporte social relacionados ao esporte de rendimento**. 2011. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação física) - Centro de Ciências da saúde, Departamento de Educação física, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J.; BZUNECK, J. A. Considerações sobre a auto-eficácia docente. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas-SP: Alínea, 2006. p. 149-159.

ANDRADE, F. C. **Comparação entre diferentes parâmetros de controle de carga interna e externa de treinamento, recuperação e rendimento em atletas de natação**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora em Associação com a Universidade de Viçosa, Juiz de fora e Viçosa, 2014.

BALAGUER, I.; AMPARO, E.; VILLAMARÍN, F. Autoeficacia em el deporte y em La actividad física: estado actual de La investigacion. **Revista de Psicologia Geral y Aplicada, Madrid**, v. 48, n. 1, p. 139-159, 1995.

BANDURA, A. **Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. 1986.

BANDURA, A. Self-efficacy. In: RAMACHAUDRAN, V. S. (Ed.). **Encyclopedia of Human Behaviour**. 4th ed. New York: Academic Press, 1994. p. 71-78.

BANDURA, A. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Org.). **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-41.

BANDURA, A. Guide to the construction of self-efficacy scales. In: PAJARES F.; URDAN, T. (Eds.). **Self-efficacy beliefs of adolescents**. Greenwich, CT: Information Age, 2006. p. 307-337.

BECKER DA SILVA, A. M. et al. Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 14, n. 1, 2015.

BOPSIN, G. B.; GUIDOTTI, C. Crenças de autoeficácia: uma revisão de literatura no contexto do ensino de física. **Revista de Enseñanza de La Física**, v. 33, n. 1, p. 1-10, 2021.

BOSSCHER, R. J.; SMIT, J. H. Confirmatory factor analysis of the general self-efficacy scale. **Behaviour Research and Therapy**, v. 36, n. 3, p. 339-343, 1998.

BRAY, S. R.; BALAGUER, I.; DUDA, J. L. The relationship of task self-efficacy and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 22, n. 5, p. 429-437, 2004.

CAMPOS, C. **Eficácia percebida por atletas e treinador de judô paralímpico**. 2017.148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2017.

CARMO, A. P. **Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol**. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2006.

CLEMENTE, K. P. et al. Ansiedade, estresse e estratégias de enfrentamento pré-competitivo de jogadores profissionais de basquetebol. **Revista de Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 128-140, 2019.

CODONHATO, R. **Resiliência, estresse e Lesões no Contexto da Ginástica Rítmica de elite**. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da saúde, Departamento de Educação física, Universidade estadual de Maringá, Maringá, 2017.

COIMBRA, S.; FONTAINE, A. Adaptação da Escala de Auto-Eficácia Generalizada Percebida (Schwarzer & Jerusalem, 1993). In: SOARES, A. P.; ARAÚJO, S.; CAIRES, S. (orgs.), **Avaliação psicológica, formas e contextos**. VI Braga: APPORT, 1999.p. 1061-1069.

CORRÊA, M. A.; DIAS, A. C. G. Avaliações autorreferentes e práticas esportivas: Comparações entre universitários praticantes e não praticantes. **Revista Psicologia-Teoria e Prática**, v. 22, n. 2, 2020.

CROSS, D.; THOMSON, S.; SIBCLAIR, A. Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics. **Clarivate Analytics**, 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>> Acesso em: 18 jan. 2018.

DA COSTA, V. T. **Adaptação e validação do restq-coach para a população brasileira de treinadores esportivos e análise dos constructos de estresse, recuperação e sintomas da síndrome de Burnout**. 2011. 122f. Tese (Doutorado em Ciências do esporte) –Curso de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional, Universidade de Minas Gerais, Uberaba, 2011.

DA SILVA, T. A. **O comportamento em treinamento técnico de jogadores profissionais de futebol: um estudo na perspectiva da autorregulação da aprendizagem**. 2013. 127f. Dissertação (Mestrado em Cognição e linguagem) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2013.

DOMINSKI, F. H. et al. Análise da produção científica relacionada à psicologia do esporte em periódicos das ciências do esporte de língua portuguesa. **Journal of Physical Education**, v. 29, n. 1, 2018.

FELTZ, D. The nature of Sport psychology. In: HORN, T. (Ed.). **Advances in Sport Psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1992. p. 3-11.

FERREIRA, M. A. C. **A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol. Setor de Ciências Biológicas Departamento de Educação Física.** 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências biológicas, Departamento de Educação física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FERREIRA, M. C. et al. Escala de avaliações autorreferentes: Características psicométricas em amostras brasileiras. **Avaliação Psicológica: InterAmerican Journal of Psychological Assessment**, v. 12, n. 2, p. 227-232, 2013.

FELTZ, D. L. et al. A conceptual model of coaching efficacy: Preliminary investigation and instrument development. **Journal of Educational Psychology**, v. 91, n. 4, p. 765-776, 1999.

FRAINER, D. E. S. et al. Análise da produção científica sobre atletismo no Brasil: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 1, p. 199-211, 2017.

FRISCHKNECHT, G. **Avaliação da autoconfiança esportiva em atletas.** 2018. 154f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GOMES, S. S. et al. O fluxo no voleibol: relação com a motivação, autoeficácia, habilidade percebida e orientação às metas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, p. 379-387, 2012.

GOMES, S. S. **Quando o jogo flui: uma investigação sobre a Teoria do Fluxo no voleibol.** 2010. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação física) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

HEIDRICH, C. V. **Efeitos da ameaça do estereótipo na aprendizagem motora do futebol feminino.** 2013. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

HENSON, R. K. Teacher self-efficacy: substantive implications and measurement dilemmas. **Annual meeting of the Educational Research Exchange**. 2001.

IAOCHITE, R. T. Crenças de autoeficácia: Considerações teóricas. In IAOCHITE, R. T.; AZZI, R. G. (Eds.). **Autoeficácia em contextos de saúde, educação e política**. Editora Letra, 2017.p. 13-28.

IAOCHITE, R. T. et al. Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, p. 45-54, 2016.

KANTHACK, T. F. D. **Imagética motora: Efeito sobre o desempenho de lance livre no basquetebol**. 2014. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) -Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

KELLMANN, M.; KALLUS, K. W. **Recovery-stress questionnaire for athletes: User manual**. Illinois: Human Kinetics, 2001.

KLASSEN, R. M. et al. Teacher efficacy research 1998–2009: Signs of progress or unfulfilled promise? **Educational Psychology Review**, v. 23, p. 21-43, 2011.

KYRILLOS, M. H. M. **Motivos para a prática esportiva e o senso de autoeficácia de atletas**. 2016. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2016.

LEMOS, A. C. **Efeitos da demonstração autocontrolada na aprendizagem de uma habilidade motora sequencial do ballet clássico em crianças**. 2015. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciências: área do conhecimento: Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MACHADO, T. A. Autoeficácia esportiva: uma revisão integrativa dos instrumentos de medida. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, p. 323-333, 2014.

MACHADO, T. A. **Autoeficácia de atletas de voleibol de alto rendimento**. 2018. 172f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MATOS, L. F. **Efeitos do Autoinforme Motivacional no Desempenho do nado**. 2016. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2016.

MORENO, R. M. **Auto-eficácia de tenista e desempenho esportivo: Perspectivas da Psicologia do esporte**. 2007. 205f. Dissertação (Mestrado em Ciências da motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MOROSINI, M. C. A pós-graduação no Brasil: formação e desafios. **Revista Argentina de Educación Superior**, n. 1, p. 125-152, 2009.

NOCE, F. et al. Análise dos sintomas de overtraining durante os períodos de treinamento e recuperação: estudo de caso de uma equipe feminina da Superliga de Voleibol 2003/2004. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 17, p. 397-400, 2011.

NOGUEIRA, F. C. A. **Crença de autoeficácia e ansiedade em atletas de voleibol**. 2016. 115f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Processos Psicossociais e Saúde, Universidade Federal de Juiz de fora, Juiz de Fora, 2018.

PACICO, J. C.;FERRAZ, S. B.;HUTZ, C. Autoeficácia - Yes weCan! In: HUTZ, C. S. (Ed.). **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artmed, 2014.p. 111-119.

PAJARES, F.;OLAZ, F. Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral. IN: BANDURA, A.; AZZI, R.G. e POLYDORO, S. **Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos**. São Paulo: Artmed, 2008.p. 97- 114.

PESCA, A. D. et al. **Avaliação da eficácia de treinamento na percepção de treinadores de modalidades esportivas**. 2013. 114f. Tese (Doutorado em Psicologia) -

Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

REVERTIDO, R. S. **Pedagogia do Esporte e Modelo Bioecológico do desenvolvimento humano: Indicadores para avaliação de impacto em programa sócio esportivo**. 2012. 209f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2016.

RIGO, L. C.; RIBEIRO, G. M.; HALLAL, P. C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 16, n. 4, p. 339-345, 2011.

ROCHA, P. G. M. **O efeito do controle do aprendiz sobre a auto-observação na aprendizagem motora**. 2013. 154f. Tese (Doutorado em Ciências, Programa Educação física) – Escola de Educação Física Esporte, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHMITT, B. D. et al. Produção científica sobre esporte adaptado e paralímpico em periódicos brasileiros da educação física. **Kinesis**, v. 35, n. 3, 2017.

SCHWARZER, R.; JERUSALEM, M. Generalized self-efficacy scale. **Measures in health psychology: A user's portfolio**. v. 1, p. 35-37, 1995.

SILVA, A. M. B. et al. Escala de Autoeficácia para Bailarinos (AEBAI): construção e evidências de validade. **Avaliação Psicológica**, v. 14, n. 1, p. 83-88, 2015.

SOUZA, D. L. et al. O perfil da produção científica online em português relacionada às modalidades olímpicas e paralímpicas. **Movimento**, v. 22, n. 4, p.1105-1120, 2016.

STUMPF, H. T. L. **Feedback autocontrolado e aprendizagem motora em idosos**. 2018. 162f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

VENTURA, T. S. **Significados atribuídos por idosos ao grupo de convivência de exercícios físicos e possíveis relações com constituição da crença de autoeficácia.** 2014. 155f. Dissertação (Mestrado em Ciências do envelhecimento) -Universidade são Judas Tadeu, São Paulo, 2014.

VIEIRA, L.F. et al. Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 13, p. 183-188, 2011.

WOLFF, A. A. **Autoeficácia, desempenho e stress em atletas de natação de alto rendimento.** 2012. 161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

2. NORMAS DA REVISTA

As normas da Revista da Pensar a Prática encontram-se a seguir.

1. Foco da Revista

Pensar a Prática publica artigos relacionados ao campo acadêmico-profissional da Educação Física. É editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás com publicação em fluxo contínuo e as submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

2. Política de Seção

Os textos submetidos à Revista Pensar a Prática devem ser direcionados para uma das seguintes seções, porém, a critério dos editores, o manuscrito poderá ser redirecionado para outra seção:

- a) Artigos Originais: são trabalhos resultantes de pesquisa empírica com dados originais apresentados no resumo e no corpo do texto considerando a seguinte estrutura: introdução, problema, objetivos, metodologia, resultados e discussão.
- b) Artigos de Revisão: são trabalhos que têm por objetivo resumir, analisar, avaliar ou sintetizar trabalhos teóricos e/ou de investigação já publicados.
- c) Ensaios: são trabalhos que apresentam reflexões teóricas próprias, elaborados a partir de interpretações livres e originais, ainda que sem dispensar inteiramente um rigoroso aparato de documentação empírica e bibliográfica.
- d) Resenhas: são trabalhos que apresentam comentários e avaliações críticas de livros, filmes, peças, coreografias ou outros produtos resultantes de reflexões acadêmicas, artísticas ou de outras naturezas.

3. Língua (Idioma)

A Pensar a Prática aceita a submissão de artigos em português, inglês e Espanhol. Registra-se que a adequação do relato escrito à norma culta da língua adotada e às normas da ABNT é de inteira responsabilidade do autor.

4. Formato do artigo

a) Título: deve ser informativo e conciso, em português ou na língua em que o artigo será submetido. Formatado em maiúsculo (caixa alta), fonte Times New Roman, tamanho 14, negrito e alinhado à esquerda;

b) Resumo: deve ser informativo, em português ou na língua em que o artigo será submetido, incluindo objetivo, método, resultado, conclusão. Cada resumo que acompanhar o artigo deverá ter, no máximo, 790 caracteres (contando espaços);

c) Palavras-chave: devem ser constituídas de até quatro termos que identifiquem o assunto do artigo em português ou na língua em que o artigo será submetido, separados por ponto.

Sugere-se que os termos sejam selecionados entre aqueles disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Disponível em <http://decs.bvs.br>;

d) Título/Resumo/Palavras-chave em língua estrangeira 1: deve ser inserido o título em inglês, resumo (abstract) com até 790 caracteres (contando espaços) e palavras-chave (keywords).

Caso o artigo seja submetido em inglês ou espanhol esse item deve ser preenchido com título, resumo e palavras-chave em português;

e) Título/Resumo/Palavras-chave em língua estrangeira 2: deve ser inserido o título em espanhol, resumo (resumen) com até 790 caracteres (contando espaços) e palavras-chave (palabras-clave).

Caso o artigo seja submetido em espanhol esse item deve ser preenchido com título, resumo e palavras-chave em inglês;

f) Elementos textuais: devem seguir as orientações referentes à seção escolhida (artigos originais; artigos de revisão; ensaios; resenhas);

g) Referências: devem ser redigidas conforme norma NBR 6023/2018.

Na preparação do artigo devem ser observadas as normas da ABNT referentes à apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6022/2018), apresentação de

citações em documentos (NBR 10.520/2002), norma para datar (NBR 5892/1989) e resumos (NBR 6028/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

5. Limite de autores

O artigo não poderá exceder o número de seis autores.

6. Fonte e espaçamento do artigo

Os textos deverão ser digitados em editor de texto Word (formato DOC), fonte Times New Roman, tamanho 12.

7. Tamanho do artigo e da resenha

O tamanho máximo para os artigos originais, artigos de revisão e ensaios (sem contar títulos, resumos, palavras-chave e referências ao final) será de trinta mil (30.000) caracteres (contando espaços). Para a resenha o tamanho máximo será de dez mil (10.000) caracteres (contando espaços). Não serão aceitos trabalhos que ultrapassem esses limites.

8. Notas, apêndice, figuras, tabelas e endereço de URL

a) Notas: notas contidas no artigo devem ser indicadas com algarismos arábicos imediatamente depois da frase ou palavra a que diz respeito. As notas deverão vir no rodapé da página correspondente.

b) Apêndices: listagens extensivas, estatísticas e outros elementos de suporte devem ser submetidos como documento suplementar.

c) Figuras e tabelas: fotografias, gráficos, figuras e tabelas (estritamente indispensáveis à clareza do texto) devem ser inseridas no corpo do texto. Caso as ilustrações incorporadas ao artigo já tiverem sido publicadas, o autor deverá mencionar a fonte.

d) Endereço de URL: todos os endereços de URL no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) devem estar ativos e prontos para clicar.

9. Comitê de ética, conflito de interesse, termo de responsabilidade de autoria e identificação de autoria

a) Comitê de Ética: os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados dentro dos termos das Resoluções n.466/2012 e n.510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, quando a pesquisa envolver coleta de dados com seres humanos os autores deverão encaminhar como "documento suplementar" o parecer de Comitê de Ética.

b) Conflitos de interesse: caso haja conflitos de interesse na pesquisa explicitar na submissão em comentário para o editor.

c) Termo de Responsabilidade de autoria: quando os manuscritos submetidos tiverem de quatro a seis autores, deverá ser enviada uma declaração de responsabilidade digitalizada de autoria assinada por todos.

d) Identificação de autoria: não deve haver nenhuma informação (ex: nome do autor; instituição; grupo de pesquisa) que permita a identificação dos autores no corpo do texto e no arquivo em que o artigo foi gravado.

Para retirar a identificação do arquivo abra-o no Word na barra de títulos Arquivo/ Propriedades/ Resumo e exclua todas as informações. Esse procedimento garante o critério de sigilo da revista.

As informações dos autores devem constar apenas no sistema eletrônico da Revista Pensar a Prática nas partes referentes ao preenchimento dos metadados.

10. Apoio financeiro

É obrigatório informar no manuscrito, sob a forma de nota de rodapé, na primeira página do texto, todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração da pesquisa. Caso não tenha recebido nenhum apoio financeiro, acrescentar a seguinte nota de rodapé: "O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização".

11. Informações complementares

- Ensaio Clínicos: A Pensar a Prática apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE), reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informações sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de

pesquisas clínicas que tenham recebido um número de identificação em um dos registros de ensaios clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e ICMJE, cujos endereços estão disponíveis no site do ICMJE (<http://www.icmje.org/>). Essas informações devem ser submetidas por meio de documento complementar.

- Deve ser enviada, como documento complementar, uma lista sugerindo no mínimo dois avaliadores (doutores) para o manuscrito, com o nome, e-mail, instituição para contato. Atenção, não se deve indicar pesquisadores que tenham participado de qualquer parte da pesquisa que originou o manuscrito ou que tenham, atualmente ou no passado, vínculo com os autores que possa comprometer o processo de avaliação. Também é vetada a indicação de avaliadores pertencentes aos mesmos grupos de pesquisa e às mesmas instituições dos autores. Apesar da sugestão dos revisores, o processo de revisão duplo-cego será respeitado.